

A EPÊNTESE VOCÁLICA EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA FINAL POR BRASILEIROS APRENDIZES DE INGLÊS: UM ESTUDO DE CASO

Lorena Oliveira dos Santos⁷⁸
(UESB)

Warley José Campos Rocha ⁷⁹
(UESB)

Michael Douglas Silva Dias⁸⁰
(UESB)

RESUMO

A Fonética e a Fonologia assumem um papel importante na aprendizagem da Língua Inglesa por falantes do Português Brasileiro. Deste modo, neste trabalho, objetivamos verificar a epêntese vocálica na posição de coda silábica, em palavras terminadas em oclusivas bilabiais, alveolares e velares (surdas a e sonoras). Para isso, nos ancoramos, principalmente, nos postulados de Massini-Cagliari e Cagliari (2001), Ramos (2009) e Delforge (2008). Para a condução do trabalho, fizemos o uso dos dados coletados de três informantes, nivelados, respectivamente, no básico, intermediário e avançado. Após analisar e discutir os dados, apresentamos algumas considerações face aos resultados quantitativos e qualitativos alcançados.

⁷⁸ Discente do oitavo semestre da licenciatura em Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

⁷⁹ Discente do oitavo semestre da licenciatura em Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

⁸⁰ Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin/UESB e Professor auxiliar da área de Língua Inglesa no Departamento de Estudos Linguísticos de Literários, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética acústica; epêntese vocálica; oclusivas.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propusemos apresentar um fenômeno que ocorre no processo de aprendizagem da Língua Inglesa por falantes nativos do Português Brasileiro. Ultimamente, o estudo de tal fenômeno tem passado a ser marginalizado, uma vez que muitos profissionais da linguagem defendem que o ensino de pronúncia tem peso irrelevante na aprendizagem da língua estrangeira.

Deste modo, objetivamos, com este estudo, constatar o fenômeno linguístico presente na aprendizagem da Língua Inglesa que é comumente reconhecido como a epêntese vocálica na posição de coda em final de palavra. Para tanto, utilizamos os dados de três informantes, um do nível básico, outro do intermediário e o terceiro do nível avançado. Hipoteticamente, acreditamos que, *a priori*, os informantes do básico e do intermediário produziram a epêntese, ao passo que, o informante que apresenta o nível avançado, não realizaria a inserção do segmento vocálico no ambiente linguístico previsto.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, gravamos três informantes, sendo cada um deles nivelados em três estágios de proficiência na Língua Inglesa, a saber: básico, intermediário e avançado. Os alunos foram gravados em um espaço silencioso, para que não houvesse interrupções externas. As gravações foram feitas com um gravador profissional, para que conseguíssemos uma melhor captura sonora. Além disso, uma vez coletados os dados, extraímos os ruídos das gravações, através do *software*: Audacity 1.3 Beta.

Em relação às gravações, solicitamos aos alunos que lessem uma lista de sentenças, nas quais inserimos as doze palavras selecionadas para estudarmos e verificarmos a possível realização do fenômeno apresentado na seção anterior. A seleção das palavras se deu a partir da seguinte escolha: (i) quatro palavras terminadas com consoantes oclusivas bilabiais (/p/,/b/) – duas surdas (*step, top*) e duas sonoras (*bob, lab*); (ii) quatro palavras terminadas com consoantes oclusivas alveolares (/t/,/d/) – duas surdas (*fit, lot*) e duas sonoras (*good, bed*); (iii) quatro palavras terminadas com consoantes oclusivas velares (/k/,/g/) – duas surdas (*luck, kick*) e duas sonoras (*dog, leg*). Salientamos que estas palavras foram inseridas em

uma sentença piloto, a saber: *I say _____*
sometimes.

Para a análise dos dados, utilizamos o *software* Praat, para fazermos as extrações das palavras da sentença piloto e verificarmos, acusticamente, através do *software*, a presença ou ausência da epêntese vocálica na posição de coda silábica. Em seguida, apresentaremos a análise dos dados, seguida de suas respectivas discussões.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Ancorados nos postulados de Freitas e Neiva (2006), sabemos que, na estrutura silábica do português, a posição de coda, quando preenchida por um único segmento consonantal, só admite uma soante nasal, uma soante lateral coronal, uma soante contínua não nasal e não lateral ou as obstruintes /s, z/ ou /ʃ, ʒ/, de acordo com o dialeto do falante, identificamos a dificuldade que os estudantes de Língua Inglesa têm no período inicial de aprendizagem, pois no inglês, praticamente, todas as consoantes presentes no sistema fonológico dessa língua podem ocupar a posição de coda, criando um grande número de combinações entre elas. Deste modo, o falante nativo do Português Brasileiro e aprendiz da Língua Inglesa, acostumado com a realização do tipo silábico CV# e

possuindo poucas possibilidades de preenchimento da coda do tipo CVC#, ao contrário das possibilidades verificáveis na língua alvo, tende a inserir uma vogal no final de palavras da Língua Inglesa que admitem padrões, em posição de coda, como: CC#; CCC# e CCCC#, e, padrões estes que se dão a partir do seu preenchimento por combinações consonantais não realizadas na sua Língua Portuguesa.

A partir da análise dos dados, verificamos que, no geral, 78% dos informantes gravados não inseriram vogal no final da palavra, ao passo que 22% desses informantes inseriram, lembrando que, neste estudo, o nosso foco é somente na inserção de vogal após a consoante na posição de coda.

Agora, observando o fenômeno estudado em cada informante, identificamos que na reprodução das palavras solicitadas não ocorreu inserção de vogal na gravação de dois dos três informantes. Deste modo, os indivíduos, N. G. L. e A.K.M.L. – sendo que o primeiro está no nível intermediário e o segundo no nível avançado – não associaram a estrutura silábica do português ao sistema silábico do inglês em 100%. No entanto, o indivíduo do nível básico, J.G.S., incluiu vogal em 67% das palavras, e em 33% das palavras reproduzidas não ocorreu inserção, sendo que em 75% dos casos de inserção não houve vozeamento da vogal,

apresentando um fenômeno chamado de desvozeamento da vogal, o qual, segundo Delforge (2008), geralmente, afeta vogais altas seguidas de consoantes surdas e, por fim, em apenas 25% das palavras houve o vozeamento da vogal.

CONCLUSÃO

Inicialmente, nossas hipóteses eram que os informantes dos níveis básico e intermediário reproduziriam a inserção da vogal anterior, média-alta, não-arredondada, frouxa, em posição de coda da última sílaba das palavras da Língua Inglesa selecionadas e terminadas com os segmentos consonantais oclusivos surdos e sonoros; porém, só identificamos esse fenômeno no informante do nível básico; e, o nosso informante do nível intermediário não inseriu a referida vogal em nenhuma das palavras gravadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aline Simão do; FREITAS, Maria Cláudia Camargo de; CHACON, Lourenço and RODRIGUES, Luciana Lessa. ***Omissão de grafemas e características da sílaba na escrita infantil***. Rev. CEFAC [online]. 2011, vol.13, n.5, pp. 846-855. Epub Feb 11, 2011.

- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- DELFORGE, Ann Marie. **Gestural Alignment Constraints and Unstressed Vowel Devoicing in Andean Spanish**. In: CHANG, Charles B.; HAYNIE, Hannah J. **Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2008.
- FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora M. S.. **Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 4, n. 7, agosto de 2006.
- LADEFOGED, Peter; JOHNSON, Keith. **A Course in Phonetics**. 6^a ed. Boston: Wadsworth – Cengage Learning, 2010.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonética**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Fonética**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORI, Angel Corbera. **Fonologia**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Fonologia**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PINKER, Steven. **The language instinct: The new science of language and mind**. Penguin UK, 1994.
- RAMOS, Elizabeth. **Transferência fonológica no ensino de língua inglesa**. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHÜTZ, Ricardo. *Interferência, interlíngua e fossilização*. Disponível em:
<http://www.sk.com.br/sk-interfoss.html> - Acesso em
31 de Julho de 2014.